

Prémio UBI Jovem Filósofo 2010

**Arte, Conhecimento e
Comunicação**



Mariana N. C. Maia de Oliveira

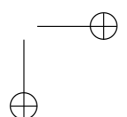
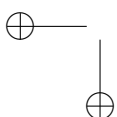
www.lusosofia.net

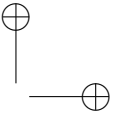
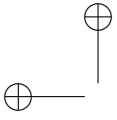


Mariana Nobre Caeiro Maia de Oliveira

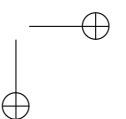
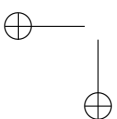


nasceu a 4 de Abril de 1992, em Beja. Concluiu o Ensino Secundário na Escola Secundária c/ 3ºciclo D. Manuel I, Beja, na área de Ciências e Tecnologias, no ano 2010, com a média final de 19,5 valores. Para além da língua portuguesa, fala, lê e escreve também em inglês. Praticou Atletismo entre 2005 e 2010. Foi a vencedora do **Prémio UBI Jovem Filósofo 2010**. Presentemente, frequenta o 2ºano do Curso de Medicina - Mestrado Integrado, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.





Prémio UBI Jovem Filósofo 2010
do Curso de Filosofia da Universidade da Beira Interior
– Covilhã –





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *Arte, Conhecimento e Comunicação*

Autor: Mariana Nobre Caeiro Maia de Oliveira

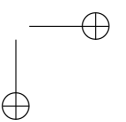
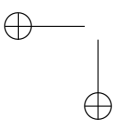
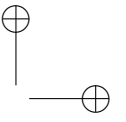
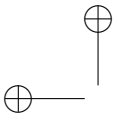
Colecção: Ensaios LUSOSOFIA – Prémio UBI Jovem Filósofo

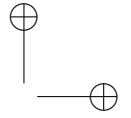
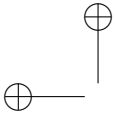
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. Silva Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011





APRESENTAÇÃO

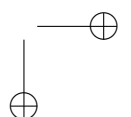
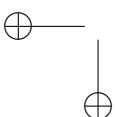
Os textos vertidos nesta secção que ora se estreia no sítio da *LusoSofia.net* são os Ensaios distinguidos com o primeiro prémio pelo Júri do **Prémio UBI Jovem Filósofo**.

Este prémio foi instituído por vez primeira em 2010 por iniciativa da Comissão do Curso de Filosofia (CFUBI), que nele vê não apenas um precioso instrumento para estimular os jovens a consolidar um processo de aquisição de competências cognitivas superiores – funcionando assim como exercício que se coloca na continuidade da formação global obtida a montante pelos alunos no Ensino Secundário – mas que nele vê ainda um sinal inequívoco de relevância e importância dos estudos filosóficos, que actua como elemento que concita a descoberta de novas vocações e que pretende despertar nos alunos do Ensino Secundário um interesse consistente e duradouro pela Filosofia. Pretende-se, pois, que este seja um espaço que celebra a reflexão e a autonomia de pensamento urdidas num percurso de crescente abertura de espírito que é necessariamente a indelével marca de uma aventura intelectual livremente agenciada e que culminará, estamos certos, no exercício de uma cidadania madura e plena.

A Comissão de Curso de Filosofia da Universidade da Beira Interior agradece à *LusoSofia.net* a decisão pronta de associar o seu selo de qualidade à iniciativa que culminou na criação do Prémio UBI Jovem Filósofo e, ademais, a intrepidez no momento em que decidiu oferecer um espaço nobre à publicação destes trabalhos. Ao fazê-lo, está generosamente a contribuir para uma ampla promoção e divulgação da racionalidade filosófica, em estrita e sempre atenta observância das recomendações da UNESCO exaradas na Declaração de 2002 em Prol da Filosofia.

Covilhã e UBI, 20 Julho de 2011

Pela Comissão do Curso de Filosofia
Professor Doutor Urbano Sidoncha
(*Director de Curso do 1º Ciclo*)





Arte, Conhecimento e Comunicação

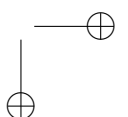
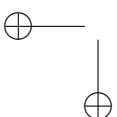
Mariana N.C. Maia de Oliveira

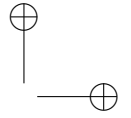
Resumo

O Conhecimento da Arte, a Comunicação do Conhecimento, a Arte da Comunicação – os três de tal forma organicamente implicados que difícil será conseguir desconstruí-los com verdadeiro sucesso, despi-los de tudo aquilo que representam em conjunto para, tanto quanto possível, poder chegar mais perto da verdadeira significação de cada um. Três palavras apenas parece ser tudo quanto basta para criar um mundo quase infinito de possibilidades – um mundo em que não nos limitemos a existir somente, mas onde possamos expressar em toda a sua plenitude a indizivelmente grandiosa dádiva que é a nossa humanidade.

*

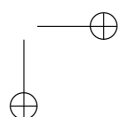
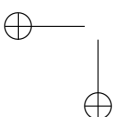
* *





Imagine-se um triângulo. Imagine-se agora que, em cada um dos seus equidistantes vértices, se instalam com a ousadia de uma inevitabilidade quase necessária esses três pequenos mundos de significações: a Arte num deles, o Conhecimento no outro, a Comunicação no terceiro. Dentro do triângulo, e confinado pela sobriedade geométrica do inusitado polígono, ei-lo, contente e inebriado por uma deliciosa sensação de liberdade: o Homem, ele mesmo. A envolvê-lo, a substância vária a indefinida que o constitui, alimenta e mantém de pé, que o ampara nos devaneios e lhe dá forma quando forma é o que é preciso dar-lhe: o seu Mundo. E assim, imersos neste Mundo que se nos cola gelatinosamente à pele, existindo alegremente dentro de um paradoxal triângulo que nos oprime e liberta, aqui estamos, orgulhosa e verticalmente Homens, alheias criaturas inconscientes balouçando de um para outro vértice, da Arte ao Conhecimento, do Conhecimento à Comunicação, do Mundo para todos eles. Quase que escravos dessa tríade abstracta e silenciosa, e, no entanto, incapazes de lhe aceder verdadeiramente.

Tratando-se de uma relação tão orgânica e intimamente necessária, difícil será conseguir estabelecer um nexos de causalidade, um esboço de hierarquia; infrutífera será a tentativa de encontrar um começo a algo que se dilui indefinidamente no tempo desde que o tempo existe (ou, pelo menos, desde que existe alguém para dar por ele). Impossível, por isso, determinar com indubitáveis certezas se foi o imperativo da Comunicação que primeiro se insurgiu, se a necessidade de ser e de criar Arte, ou se foi, enfim, o Conhecimento de todos eles que nos impeliu de facto para essa extraordinária vertigem que é a humanidade. E, assim, para conveniência de todas as considerações que possam vir a fazer-se (e que serão irremediavelmente poucas, desnecessárias e vãs, qual burro olhando para um palácio e esforçando-se por descrevê-lo) assumir-

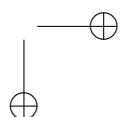
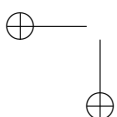


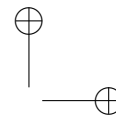
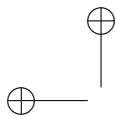


se-ão uma Arte, um Conhecimento e uma Comunicação despídos das roupas com que, por certo, os homens e os séculos os têm laboriosamente vestido. Tratar-se-á, em suma, de um olhar leigo e inconsequente sobre essas três abstrações objectivas que, sendo-nos tão próximas, parecem às vezes existir à distância infinita de não pensarmos nelas. Um olhar descomprometido e despretensioso – ou, pelo menos, com a pretensão única de, vasculhando nos ardilosos trilhos do pensamento, poder compreender. Por mais ínfima que seja (sê-lo-á sempre) essa compreensão.

Homem e Arte coexistem, desde tempos imemoriais, numa relação estreita e indefinível que se transfigura e reinventa a cada momento, em cada tempo e em cada espaço, no plano fértil e extenso da História ou na efemeridade alucinada do tempo em que se esfuma uma vida humana. Assim lado a lado, crescendo juntos como duas árvores pacientes que se estendem com uma pressa vagarosa na direcção do sol, foram-se construindo mutuamente, diluindo-se ambos num mesmo amplexo fraternal, sendo-se cada vez mais necessários e precisando-se sempre com a força de uma inevitabilidade – ao ponto de deixarem as existências de um e outro de fazer sentido separadamente. É que, se a Arte sem Homem parece inconcebível e perigosamente ridícula (que é, afinal, da criatura se se lhe some o criador?), o Homem sem Arte afigura-se-nos, do mesmo modo, nulo, despropositado e vão. E é assim que, indissoluvelmente ligados por forças tão transcendentais e maiores que nós mesmos que o mero exercício de tentar compreendê-las é tarefa demasiado ingente para a nossa finitude, é desse modo que, inevitavelmente, somos Arte e a Arte é-nos.

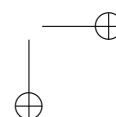
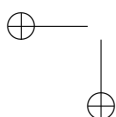
Fala-se de Arte num sentido suficientemente lato para que, condensadas na pequena grandeza de quatro letras, possam inteiramente caber todas as manifestações – e que variadíssimas formas podem assumir – desse abrangente e plural conceito. Da literatura à pintura, à música; do teatro ao cinema, à dança e à escultura; passando por tudo aquilo que, escapando ao domínio privilegiado





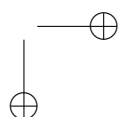
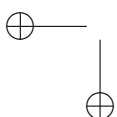
desses sete ilustres, não menos merece ser-lhe equiparado, Arte será, enfim, tudo o que, usando dos mais triviais aos mais rebuscados artifícios, faz vibrar em nós qualquer coisa de muito fundo e de muito essencial. E com que maravilhado espanto sentimos, por vezes, na fugacidade de uma palavra, na indiferença de um compasso musical ou no deleite de uma contemplação estética, esse arrepio visceral que, como uma pena suave e suavemente irrequieta, faz cócegas nos mais recônditos recantos do “eu” que julgávamos para sempre inviolável. Importa, por isso, conservar sempre uma certa capacidade de surpreender e ser surpreendido, uma vontade permanente de não encostar à inércia do quotidiano a apatia de um corpo conformado, de não deixar que a imaterialidade do sonho se dissolva na acidez torpe da realidade – importa, de resto, manter os olhos abertos para não cegar perante a Arte. Embora estejamos quase que intrinsecamente predispostos para existir nesse espaço transcendente de todas as possibilidades, a sensibilidade tende a ficar endurecida quando não lhe demonstramos com a necessária frequência o quanto precisamos dela. E quase sem se dar conta vamos-nos aos poucos convertendo em espaços vazios a quem a música, o cinema ou as letras, ou tudo aquilo que como eles se entende como globalmente Arte, deixou de poder tocar, limitando-se apenas a passar ao lado, deixando-nos mais vazios ainda, e puerilmente felizes nessa incompreensão.

Por corresponder quase que a um “descolamento” da realidade (essa que, gozando da vantagem de poder ter-nos sempre fisicamente em si, não raro nos aprisiona também o espírito que lhe não pertence), a Arte é, por isso, o mais bonito e subtil modo de auto-conhecimento. A Arte é uma extensão de pensar – ou, pelo menos, uma extensão de sentir, o prolongamento de sensações latentes a que a racionalidade do pensamento é alheia. E será, talvez por isso, a janela mais indiscreta sobre a planície do que somos, o espelho mais fiel da substância que verdadeiramente nos constitui, o reflexo mais puro de uma fragilidade que, sendo tão íntima





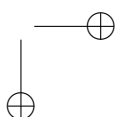
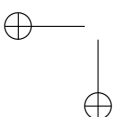
e tão delicada, não se comunica senão através de qualquer coisa igualmente íntima e delicada. A Arte assume-se, assim, como a mais universal e multifacetada forma de comunicação – comunicação entre aquele que cria e aqueles que constituem os receptáculos dessa criação, mas, sobretudo e antes de mais, comunicação do criador consigo mesmo. Antes que a obra saiba por si só voar e comunicar ela mesma com o mundo, livre de intermediários, é necessário que criador e criação se tenham metaforicamente sentado frente a frente, como bons amigos (ou, pelo menos, como dois desconhecidos que têm por força das circunstâncias que entender-se), conversando e conhecendo-se (a fundo ou apenas o estritamente necessário), mas sempre e irremediavelmente comunicando. Há, no entanto, um precioso equilíbrio que é absolutamente necessário não violar – é que nem tudo na Arte deve ficar explícito ou escancarado à interpretação objectiva de uns olhos casuais, deve sim permanecer tácita e discretamente inconclusiva, tímida e descomprometidamente obscura. É por isso que, com a mesma facilidade com que se atenta com indiferença para uma pintura qualquer, a que lhe está ao lado pode muito bem ser capaz de levar ao caos o turbilhão de emoções que vivem em nós apaziguadas mas sempre prontas a florescer numa euforia descontrolada e solene; é por isso que, olhando para uma frase, ela pode parecer-nos simplesmente um aglomerado inconsequente de sons neutros ou conter em si toda a verdade e toda a poesia do mundo. Os fenómenos da Arte e as suas múltiplas manifestações acidentais não podem, assim, dissociar-se de uma subjectividade que, de forma mais ou menos acentuada, não deixa nunca de viver impregnada tanto na obra como naquele que lhe dá sentido. Reclamar para a Arte essa existência vaga no domínio impreciso da individualidade não é, contudo, torná-la nula e descontextualizada, amorfa e capaz de se acomodar indiferentemente às exigências de cada singular perspectiva. Nem todos os olhos são, de facto, sensíveis à mesma luz, impressionáveis pelas mesmas formas, cegos para a mesma beleza. É por isso necessário

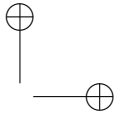




acostumá-los, de mansinho, à sensação causada pelas coisas que transcendem as banalidades que são a todo o momento a sua única realidade, é preciso educá-los a ver apaixonadamente e a não tomar por absurda, desprovida de nexo ou insanidade pura essa Arte que, existindo aí para os olhos que a queiram, impressiona apenas aqueles que pulsam na mesma frequência que é a sua. Em poucas e concisas palavras, a Arte num sentido lato requer, numa acepção igualmente inclusiva, Conhecimento. Um tipo de Conhecimento que não se cinge, contudo, à posse meramente racional de informações muito certas e necessárias, muito úteis e intemporalmente assim – mas antes um Conhecimento que corresponda como que a uma “bagagem interna” com que nos fomos interiormente aparelhando, um Conhecimento que não possa pôr-se aí em palavras ou em gestos imutáveis que o reproduzam com a merecida fidelidade, uma espécie de Conhecimento que não se adquire, vai-se adquirindo, e que se inscreve indelevelmente em nós tanto por dentro como por fora. Um Conhecimento, em suma, que aproxime da verosimilhança a afirmação de que somos aquilo que conhecemos. E é assim que, passando a vida a colher do mundo esse indefinível Conhecimento que nos limpa a vista para o que merece ser olhado, há por vezes momentos em que, convocando para esse “aqui” e para esse “agora” o conhecimento todo de que nos fomos munindo, somos magicamente capazes de fruir a magnitude de uma obra que passou ao lado de outros olhos doentes. Nesse instante irrepetível em que compreendemos verdadeiramente podemos ter a certeza de que não somos em vão. E esse momento de fruição suprema é o mais perto que estamos de sair do triângulo.

Seremos talvez, em cada momento, uma aglutinação desordenada de todas as vidas, de todos os sonhos, de todos os querereres, de todos os passados-presentes e de todas as promessas de futuros, de todas as coisas que, obedecendo solenemente à premeditada aleatoriedade da vida, embateram de algum modo na esfera aberta do “eu”. Pudesse existir um olhar despido em absoluto de todos

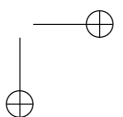
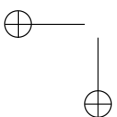




os preconceitos, objectivo até às últimas consequências, e olhando para um homem o que veria seria por certo um amontoado de Conhecimento. De um Conhecimento não absoluto, delimitado ou sequer delimitável, mas antes um Conhecimento que seria uma espécie de força, um qualquer tipo de energia impregnada que fosse responsável por aquilo que, em dado momento, se faz, se pensa, se é.

Talvez o Conhecimento seja aquilo que faz com que não sejamos a mesma coisa durante a porção de tempo em que existimos, aquilo que marca verdadeiramente a diferença entre aquilo que fomos, o que somos e o que, depois de acrescentar à casa que somos um anexo mais, havemos de ser. Nesse sentido conhecer é crescer para um metafórico crescimento que se mede com os metros com que se medem as coisas imateriais do espírito. É pois pela necessária e ingrata razão de que o Conhecimento não dilata fisicamente os corpos, mas antes os alimenta silenciosamente por dentro, que vemos do mesmo tamanho aproximado um homem que levantou a cabeça e outro que nunca viu mais que não os seus próprios pés. Quase como se o Conhecimento (assim abstractamente definido, para que, uma vez mais, possa abarcar tudo aquilo que convém meter-lhe dentro) nos elevasse a estados de existência sucessivamente superiores, níveis de insuspeitada grandeza para aqueles que, nunca lhes estando vedada essa possibilidade, os não atingiram ainda. E assim o Conhecimento é também, com a sua irmã Arte o parece igualmente ser, um refúgio para a entediante limitação da realidade, um espaço infinito de todas as possibilidades, o deleite supremo da alma, do espírito ou, se se quer, do que em nós não é carne. Por isso às vezes se surpreendem os Homens a sorrir baixinho consigo mesmos, contentes de nada, confortados só pela incerta certeza de serem os donos sempre provisórios de qualquer coisa que não se vê. É a elevação pelo Conhecimento.

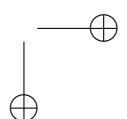
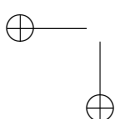
Ingrato como tudo o que, por ser possível, é também maliciosamente traiçoeiro, ei-lo aí, descaradamente sem pudor, inter-





posto quase sempre entre o Homem e a Felicidade (ou, pelo menos, aquela felicidade que é sempre e incondicionalmente feliz, e que fica quase sempre para trás algures na ingenuidade perdida da infância). Conhecimento e felicidade parecem, com efeito, existir na razão inversa um do outro, quase com a fatalidade de um dilema em que é necessário escolher ser Homem ou um bicho puerilmente feliz – e com que desesperante frequência é a segunda a hipótese mais sábia. Tal como, nas palavras do inexistente Alberto Caeiro, “pensar incomoda como andar à chuva”, assim o Conhecimento tem às vezes o peso entranhado de um saber de que não podemos abstrair-nos e que nos amarra irreversivelmente à impossibilidade de fruir uma felicidade cega, ignorante, desconhedora dos mistérios da vida ou das metafísicas do mundo, mas tão reconfortante na sua inconsciência. E assim, nesta fatal duplicidade de poder colher os apetecíveis frutos do Conhecimento, sabendo ter em seguida que acatar com as dolorosas cólicas da indigesta refeição, vamos umas vezes vivendo, outras existindo, outras estando apenas.

Conhecemos comunicando – às vezes no silêncio sossegado da nossa intimidade (nesse caso ganhando o Conhecimento o direito ao prefixo “auto”), outras olhando para o mundo e tentando desconstruí-lo por forma a que as partes se tornem mais compreensíveis que o todo, a maior parte delas no contacto fértil com os outros. Se somos enfim cais parados a que aportam a todo o momento os navios imponentes do Conhecimento, esse fenómeno não exclusivamente humano da Comunicação é o canal de águas, às vezes limpas e às vezes turvas, em que navegam os cargueiros do saber. Por isso o Conhecimento, por nos acrescentar qualquer coisa, transfigura também a imagem do que somos – conhecendo vamos inexoravelmente mudando, alternadamente para melhor ou para pior (ainda que as noções de bom e de mau sejam dependências do referencial que se queira tomar). E esse “mudando sempre” é, pesadas que estão as implicações do que é o “conhecer” em nós, a condição fundamental que não nos deixa cristalizar no tempo e

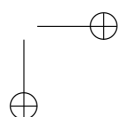
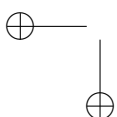




permanecer nele como uma ilha de convicções imutáveis, fixas e obsoletas, orgulhosamente endurecidas pelos horizontes que, em lugar de abrirem, congelaram indefinidamente na mesma paisagem de ilusão.

Tudo o que existe – sob formas tão diversas quantas aquelas que a substância responsável pelas coisas das existências encontra para organizar-se – tem, enfim, no mais íntimo dos seus alicerces, uma base de um qualquer Conhecimento que pode ser igualmente multifacetado. Não se conhece do mesmo modo um país e os factos intemporais da sua História, o porquê de os corpos serem atraídos para a Terra ou os misteriosos desígnios das intimidades das consciências (a nossa e a dos outros) – e, ainda assim, todos à sua maneira exigem que se lhes vote uma certa predisposição para saber vê-los, uma certa presença imaterial que, vivendo sempre dentro de nós acomodada e discreta, se agita num momento em que clamemos por ela. E esse “agitar” de Conhecimento dentro de nós será talvez o mágico tilintar que nos deixa saber com a mesma sensação de sabê-lo verdadeiramente os factos e as datas de uma História, o porquê de serem os corpos atraídos para a Terra ou como funciona a máquina infinitamente complexa da interioridade dos corpos.

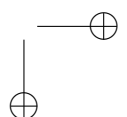
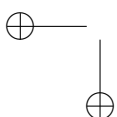
Construir e ir edificando Conhecimento, cimentando-o nas bases sólidas que são os pilares de nós mesmos, é, paradoxalmente, tornar-nos mais leves ficando mais pesados. O peso do Conhecimento não pesa com a materialidade das coisas terrenas, mas faz-se antes sentir com a força esmagadora e subtil da responsabilidade que lhe vem irremediavelmente associada – a responsabilidade que pesa sobre os ombros com a inevitabilidade de um fardo de que não podemos simplesmente alhear-nos. Um fardo, de resto, de que acabaremos por não querer livrar-nos; porque, muito embora torne o caminho mais penoso e desgastante, deitá-lo fora seria deitar por terra tudo quanto até aí se conquistou. E por isso é a ignorância leve, confortável e feliz; e por isso se paga o Conhecimento com a necessidade de ter que responder por aquilo que se conhece.





O mundo é uma fábrica torrencial e imparável de conhecimentos, úteis uns, banais e de todo desnecessários outros, poderosos, inconsequentes, secretos ou partilhados, conhecimentos de todo o tipo e de todas as formas imagináveis. Uma fábrica que não opera na limitação de um edifício, mas que existe permanentemente em redor e que nos manipula alegremente como operários submissos e obedientes. E assim a toda a hora somos incessantemente bombardeados com jorros vertiginosos de informação, torrentes de um pseudo-conhecimento pré-fabricado e pronto a instalar massivamente nas consciências ordenadas dos operários felizes. Cabe-nos, pois, cultivar em nós uma espécie de censor interno, um filtro apurado e selecto que não se deixe atravessar indiferentemente pela irrelevância de palavras gratuitas e acidentais de um qualquer programa de televisão ou pela sensação sublime de, por exemplo, poder olhar por dentro e por fora uma obra de arte. Sob pena de acabarmos feitos numa massa amorfa feita da mesma massa com que se fabricaram milhares de outras existências, é necessário guardar sempre um espaço interior que não se deixe nunca contaminar e que permaneça imaculadamente nosso. O Conhecimento verdadeiro (ou, pelo menos, aquele a que deverá suposta e idealmente aspirar-se) será enfim aquele que, ao mesmo tempo que nos torna maiores e mais leves, impede que nos vamos convertendo, aos poucos, numa extensão dos pensamentos do mundo e dos outros, preservando sempre intacta a fronteira entre a parte de nós que se constrói de fora e a parte de nós que se constrói (quase) exclusivamente a partir de dentro. Talvez o Conhecimento comprometa, de facto, a fruição de uma felicidade fácil (porque despejada de toda a responsabilidade). E, no entanto, quanto mais inteira deve ser a outra Felicidade, aquela que, não sendo verdadeiramente contente de si, é feita de transcendência e compreensão. O Conhecimento é a arma de ir aos poucos conquistando liberdade.

Comunicamos, talvez, porque nunca pôde ser de outra forma. Fatalmente sociais e necessariamente conjuntos, somos de uma es-

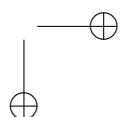
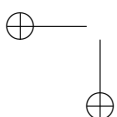




pécie tal que o isolamento é, para nós, tão venenoso quanto o ar da terra o é para os peixes. Ser-se inteiramente sozinho é uma impossibilidade quase genética, qualquer coisa de tão inconcebível que parece quase uma obscenidade sem nexos. E por isso somos irremediáveis servos desse imperativo que é a Comunicação, filha indisciplinada e multiforme de uma Socialização em que foi concebida toda uma humanidade de pontos singulares que não fazem sentido senão juntos.

A Comunicação, se a não entendermos num sentido demasiadamente estrito, é provavelmente a mais bonita manifestação de se estar vivo. Quase como se no verbo existir viesse automaticamente implicada a necessidade de partilhar essa existência com as demais, de sinalizar numa exortação triunfal que ali, naquele corpo e naquela limitação, há uma infinidade de sonhos, de dores, de expectativas, de tudo e de nada, a querer explodir numa explosão de partilha. Talvez sintamos essa fremente necessidade de comunicar precisamente porque, quem quer que seja que pacientemente arquitetou os bichos homens que somos, se esqueceu de contemplar nas suas arquiteturas um corpo suficientemente grande para caber nele a grandiosidade do espírito. Por isso tendemos, ainda que com intensidades que podem ser bem diferentes, a não sermos só para dentro e a sermos também para fora – ou, pelo menos, para um fora que não tem que ser o mundo inteiro, mas apenas a parte dele que escolhermos para nosso fiel depositário. A Comunicação é o caminho para entrarmos no mundo – e, por directa implicação do mesmo dito, é também o caminho para o mundo entrar em nós.

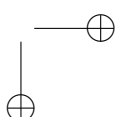
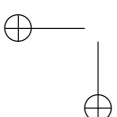
Entendendo o fenómeno da Comunicação como um processo de “transmissão” em que existe uma passagem de qualquer coisa entre alguém que emite e alguém que recebe, parece-me que, talvez por inconveniências da ambiguidade da palavra “transmissão”, a definição possa acabar por ser demasiado redutora. É que, de fora desse sugerido processo de “transmissão”, fica a possibilidade de existir uma coincidência entre aquele que emite e aquele que re-





cebe – e que é, afinal, a mais precoce forma de Comunicação. A mais elementar e a mais necessária Comunicação de todas faz-se conosco próprios, um “eu” transmitindo e um “eu” recebendo, um perguntando e outro respondendo, os dois conhecendo-se e hetero-analisando-se na unidade que, afinal de contas, são. Saber comunicar abertamente nesse espaço de interioridade, e saber fazê-lo com o à vontade de quem anda numa casa que é a sua, é, por isso, a condição necessária para poder enfim comunicar com tudo o que nos for exterior. Afinal, se não for capaz de falar em silêncio comigo, de dizer-me o que há a dizer e de ouvir-se o que há a escutar, como hei-de saber transmitir ao mundo qualquer coisa que ele não saiba já? Como hei-de poder dizer-lhe por que penso o que penso se não tiver já dentro de mim esclarecidas as razões de tais pensamentos? Por isso comunicar, apesar de ser sempre um diálogo, pode às vezes ser um diálogo silencioso de uma consciência consigo própria.

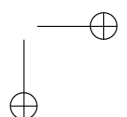
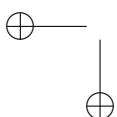
Como tudo o que, por ser tão tipicamente humano, pode surgir de formas tão inesperadas quanto a necessidade ou a criatividade assim o determinem, a comunicação pode, também ela, ser uma Arte – é que, se toda a Arte parece ter sempre alguma coisa a comunicar, nem toda a Comunicação é sempre detentora de qualquer coisa de artístico. Talvez que atentando bem para aquilo que somos, ou para aquilo que outros são, percebamos como está presente nesses seres o fruto de um longo e ininterrupto processo de Comunicação, e como do sucesso ou da qualidade desse processo está dependente o sucesso ou a qualidade das existências que entretanto se criaram. Comunicar é também ter uma voz – uma voz que pode bem ser puramente metafórica, porquanto se pode comunicar às vezes no silêncio de um gesto, na descrição de uma obra de arte ou no sossego de um olhar. E ter uma voz significa, se levarmos às últimas consequências as implicações de tão extraordinária posse, ter o poder de mudar alguma coisa, de influir de algum modo no pequeno universo abarcado pela distância a que consegue fazer ouvir-se essa voz ansiando ser ouvida. Por isso é tão poderoso e





universal o império da Comunicação – e por isso, como tudo o que tem um poder tão imenso e extensível quase à escala da humanidade, também a Comunicação pode degenerar numa arma de perversão com consequências imprevisíveis e a longo prazo. Basta pensar-se, por exemplo, no reinado quase absolutista dos meios de comunicação social e no modo como, às vezes de forma tão imperceptível quanto convém para que não demos por isso, manipulam opiniões, pontos de vista, configuram tendências e moldam personalidades à imagem umas das outras, numa caminhada célere e inexorável para uma uniformização que aniquile tudo o que é diverso ou incapaz de se submeter à ordem. A informação chega-nos comunicada sob uma forma em que vem já impregnada de parcialidade, saturada de cargas que, em lugar de se nos apresentarem com a objectividade possível, nos surgem já como positivas ou negativas, desejáveis ou indesejáveis, de acordo ou não com aquilo que se espera que pensemos. E por isso a Comunicação, embora se assuma idealmente como a extraordinária possibilidade de poder expressar a nossa humanidade em interacção consigo mesma, pode também, quando indiscriminada e inconsequentemente utilizada, ser uma arma castradora do pensamento livre. Ainda que exista sempre a possibilidade de tentar iludir esse controlo aparente, a liberdade de que dispomos acaba irremediavelmente corrompida – afinal, ainda que continuemos a acreditar numa certa autenticidade, quando o mundo nos empapa com tanto afinco na sua existência massificada a (in)consciência de nós próprios fica acima da nossa própria capacidade de entendimento. Então, de olhos toldados, somos como crianças ingénuas a fazer castelos na areia com as formas que nos puseram nas mãos.

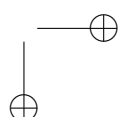
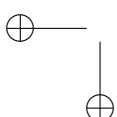
Comunicando conhecemos – o mundo, nós próprios, nós próprios no mundo. E conhecendo vamos aos poucos chegando perto dessa inatingível meta da Compreensão, essa névoa informe e esquiua que talvez não se possa nunca alcançar verdadeiramente, mas a que, pelo menos sonhando, podemos aspirar. A Comunicação é





talvez a estrada que, partindo de cada um de nós, nos leva para toda a parte e prolonga as existências muito para lá dos seus físicos corpos. Nesse sentido comunicar é, pois, um verdadeiro exercício de altruísmo, uma espécie de não deixar que os homens o sejam só para si, mas antes se partilhem e se dêem no que de melhor têm. Não somos, nem podemos querer sê-lo, ilhas silenciosas solitariamente plantadas em oceanos de nada dar e nada receber, entregues à sua sorte, desprotegidamente à mercê das intempéries. Afinal, nada se constrói sem matéria-prima – seja ela de que natureza for. E por isso é a Comunicação o verdadeiro empreiteiro da obra que somos, o operário que assenta os tijolos de sermos assim, o engenheiro que supervisiona o avançar lento e efêmero da construção, o arquitecto que prevê a forma e lhe destina materiais. E é também, por último, o trabalhador paciente que vem limpar os escombros quando, depois da derrocada final, o que restar de nós for apenas aquilo que conseguimos enviar estrada fora.

A Comunicação é, em suma, a arte de reconhecer com humildade e resignação que precisamos desesperadamente uns dos outros. Da palavra escrita à falada, da imagem visualizada à sentida: comunicamos por todos os poros e por todos eles absorvemos informação, por todos eles transpiramos a necessidade premente de existir socialmente, em cada um deles presentimos o pulsar da vida que nos é exterior. Somos, além do mais, afortunados detentores do privilégio imenso que é poder ser em duas dimensões diferentes que às vezes só muito raramente se tocam (e que, não raras vezes, nem de perto se entendem) – uma correspondendo à interioridade inviolável, incomunicável se assim o desejarmos, que mantemos a salvo de outros olhares que não os da nossa própria consciência; a outra existindo aí, exteriormente, acessível e interactiva, a imagem comunicada do que somos para os outros. Às vezes, na intersecção fortuita desse ser por dentro e desse ser por fora, começa ocasionalmente a desenhar-se qualquer coisa de muito estranho, de muito autêntico, de muito difuso e quase incompreensível

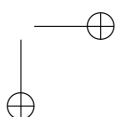




– é possível, então, que nesses interstícios de intimidade e exterior nasça por vezes, inesperada e silenciosa, Arte.

A arte do conhecimento, o conhecimento da arte, a comunicação de todos eles – os três de tal modo emaranhados e impregnados uns dos outros que não podem pesar-se separadamente as implicações de um sem pôr na mesma idealizada balança as implicações dos outros. Que é da Arte se não existir um qualquer tipo de conhecimento em que possa ver-se reflectida, que é do Conhecimento se não puder ser comunicado, que é da Comunicação se não existir substância alguma que precise ser transmitida – e que é, enfim, do Homem sem todos três? Assim abstractamente, assim escapando sempre a qualquer infrutífera tentativa de entendimento, assim sendo sempre tão autónomos quanto dependentes: Arte, Conhecimento e Comunicação parecem, enfim, coexistir numa simbiose quase perfeita, suportando os pilares da vida, segurando o mundo no seu eixo, fazendo existir os homens como Homens e não como bichos apenas. Nessa interdependência tão necessária e indissociável é por vezes preciso que não nos deixemos consumir pelos seus armadilhados trilhos, acabando convertidos em peças acríticas e previsíveis que se limitam a obedecer a uma espécie de lei estabelecida.

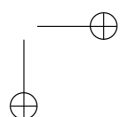
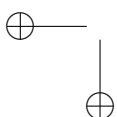
As coisas do pensamento são como portas fechadas. E talvez a consciência, quando estamos alheados dela sem prestar-lhe atenção alguma, seja também uma grande e imponente porta fechada – a porta fechada de não estar a pensar. Às vezes, porém, como um grão de areia que vem de repente perturbar o funcionamento normal e rotinado de uma qualquer engrenagem, uma brisa leve e vaga vinda de sabe-se lá onde vem arrancar-nos subitamente da banalidade em que estamos permanentemente vivendo. E então há de repente, às vezes com o estrondo de uma grande revelação, às vezes com a leveza de não estar à espera de nada, uma estranha curiosidade de abrir aquela desconhecida e insondável porta. Abrimo-la – e o que vemos é, além de um espaço novo e diferente

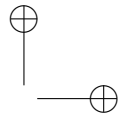




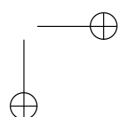
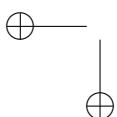
do que ficou para trás, um conjunto de mais portas fechadas. A curiosidade agiganta-se então e, com entusiasmo crescente, vamos abrindo mais portas, chegando a novos paraísos desconhecidos, a mundos insuspeitados, a espaços de revelações fantásticas e inesperadamente acessíveis. À medida que mais portas abrimos, mais portas clamam por ser abertas. Percebemos então que não vamos conseguir abri-las a todas, mas percebemos também que o nosso destino é, afinal, nada mais que continuar pela vida fora abrindo tantas portas quanto nos for possível. Desejavelmente perceberemos também, quando tivermos já transposto os vãos necessários para que esse entendimento nos ilumine, as coisas surpreendentes que estávamos a perder antes desse momento distante em que, derrotando com ousadia a inércia do não saber, abrimos a primeira porta. Pensar é, assim, ir abrindo as portas fechadas que estão dentro de nós mesmos, essas portas fechadas de todas as possibilidades. E com que deliciosa surpresa descobrimos às vezes, por detrás das nossas portas fechadas, paisagens de uma beleza tal que parece impossível terem sempre ali existido sem que déssemos pela sua presença. Com que calada euforia percebemos subitamente que no simples rodar de um metafórico manípulo está a resposta às inquietações que nos perseguem; com que inusitado espanto somos às vezes confrontados com a riqueza que as nossas interiores portas têm para oferecer – a nós e aos outros.

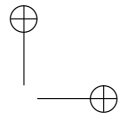
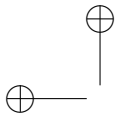
E foi assim que fiquei, inicialmente, parada e entorpecida, embasbacando para uma grande porta em que se inscreviam em letras garrafais “Arte, Conhecimento e Comunicação”. Muito a medo ousei abri-la, sabendo de antemão estar prestes a pisar uma terra estranha em que sabia-se lá que perigos e ardis espreitavam a cada esquina. Depois as portas do pensamento, ou o pensamento das portas – que estes dois já se confundem como se fossem um só – foram-se naturalmente abrindo, escancarando-se gentilmente para que pudesse transpô-las, oferecendo-me coisas às vezes abstratas, às vezes concretas, nem sempre necessárias, mas sempre no-





vas e surpreendentes. Durante o tempo (irremediavelmente pouco e breve) em que me embrenhei nessa absorvente viagem, fui tanto quanto possível acedendo aos convites para entrar. Lamentavelmente, algumas das portas que abri terão sido as erradas; e, no entanto, o mais triste de tudo é pensar nas muitas que não-de ter ficado por abrir. Enfim: reconheça-se a nossa derradeira insignificância, que há-se ser esse o primeiro passo da caminhada de querer significar alguma coisa.





Prémio UBI Jovem Filósofo

*

Segunda edição, 2011

